

## VÁRIA

---

### Arte pré-histórica no distrito do Pôrto

Visitei no meado de Junho último, entre outras estações pré-históricas do distrito do Pôrto, os castros do monte Mòsinho (Santo Estevam de Oldrões, Penafiel), do monte do Castelo do Reguengo (idem) e de Vandôma (Paredes), e a mamôa sita entre Vandôma e Baltar.

A visita aos dois primeiros castros foi realizada a convite do rev. José Monteiro d'Aguiar, muito ilustrado abade de S. Miguel de Paredes, Calçada, que me informara da existência, no segundo, dum singular petroglifo, ainda ignorado do mundo científico. O breve reconhecimento do castro de Vandôma e da mamôa foi efectuado na amável companhia dos srs. dr. Augusto da Cunha Leal e Joaquim Ferreira Barbosa. Fôra êste último senhor quem fornecera, em primeira mão, notícia daquela mamôa, já deploravelmente vandalizada, ao sr. dr. Correia Pacheco, autor da *Monografia de Paredes*, o qual, como outras pessoas, apelara ultimamente para a minha interferência no sentido de se evitar uma anunciada destruição total do monumento.

Dessas investigações variadas darei conta em mais detalhadas notícias. Por agora limito-me a registar a descoberta que fiz em esteios, já mais ou menos fragmentados, do megálito de Vandôma, de numerosas pinturas, a vermelho e a negro, na sua maioria simples linhas onduladas e uma delas representando esquemáticamente a figura humana tal como aparece na arte rupestre do abrigo de Valdejunco (Esperança), descoberta por Breuil, e noutras estações neo-eneolíticas peninsulares. O fragmento que continha aquela figura, foi transportado, com outros, para o Museu do Instituto de Antropologia, da minha direcção, graças à amável cedência do proprietário do terreno, sr. Alberto Francisco dos Santos e à intervenção obsequiosa do sr. Ferreira Barbosa.

No monte do Castelo de Penafiel, entre Reguengo e Salgão, há restos dum *castro*, decerto de ocupação transitória, que, pelos fragmentos de cerâmica e de armas e pelo petroglifo já citado, considero pre-romano, da segunda idade do ferro, talvez do pri-

meio período desta. O petroglifo, sobre o qual já redigi um estudo pormenorizado, é um autêntico e notável monumento, que, em minha opinião, representa sem dúvida um guerreiro caláico-lusitano, vestindo o comprido *sagum* ou túnica, e brandindo na dextra a adaga curta e na mão esquerda o escudo redondo e pequeno. A indumentária e o armamento correspondem às descrições dos textos, às rudes estátuas de guerreiros encontradas em castros do norte do Douro e às figuras estampadas em diademas de ouro existentes no Louvre e provenientes de Rivadeo (Astúrias) e não de Cáceres como se supoz. As analogias de atitude e desenho com os guerreiros representados nestes últimos, que Bosch data também do primeiro período (cultura post-halstática) da segunda idade do ferro, são flagrantes.

O monte do Castelo de Reguengo — que o rev. abade Aguiar gentilmente me informa ser o monte do Castelo de Penafiel a que se refere o *Portugal Antigo e Moderno* no artigo sobre Santo Estevam de Oldrões e que em documentos antigos aparece com os nomes de *Castello de Penhafidelis*, *Castello de Canas de Penafiel*, *Castello de Canas* e *Castello de Reguengo* — é um cêrro abrupto, difficilmente acessível.

O petroglifo mede 43 cm. de altura (1) e está muito bem gravado na imponente penedia que constitui o cume e que na região é chamado o Penedo do Gato. Pela sua atitude de desafio ou de triunfo, a singela e rude figura de guerreiro luso parece ali, naquele môrro alcantilado, num verdadeiro ninho de águias, ao lado de venerandas ruínas castrejas e de restos de armas de combate, o símbolo altivo e heróico dum remoto e sagrado sentimento de independência.

(Em *A Aguia*).

MENDES CORRÊA.

### Explorações arqueológicas em Alcácer do Sal

Em Alcácer do Sal, nos terrenos que já em tempos haviam fornecido restos duma importante necrópole pre-romana e de algumas sepulturas da época romana, tem o ilustre arqueólogo e etnógrafo, Prof. Vergílio Correia, procedido últimamente a uma exploração sistemática, de que foi encarregado pelo proprietário

(1) No artigo referido damos outros detalhes e mais ilustrações.

do local, o sr. Prof. Francisco Gentil, da Faculdade de Medicina de Lisboa.

Já numa brilhante conferência que realizou no Congresso Luso-Espanhol de Coimbra e que foi publicada em separata do n.º 7 da *Biblos*, e em duas notícias, uma sobre fechos de cinturão e outra sobre um curioso amuleto egípcio da mesma proveniência, o sr. Prof. Vergílio Correia deu conta de grande parte do espólio, do mais alto interesse arqueológico, que tem exumado metódicamente da necrópole de incineração do «Olival do Senhor dos Mártires». Com grande amabilidade e mercê da obsequiosa aquiescência do sr. Prof. Gentil, proporcionou-nos ainda a satisfação de vêr na sua casa de Lisboa e no consultório daquele professor, as peças, tôdas pre-romanas, que constituem esse espólio, e que são empunhaduras de escudo, armas (*falcatas* ou alfânges curvos, adagas de antenas, navalhões, pontas de lança, conteras, *soliferea*, etc.), adornos (placas de cinturão, fíbulas anulares ibéricas, braceletes, anéis), utensílios, objectos votivos, numerosas peças de cerâmica indígena e exótica.

Por tais documentos, é possível datar a necrópole, com segurança, do primeiro período da segunda idade do ferro, e nela se encontram elementos comuns às necrópoles post-halstáticas de Castela, às estações ibéricas do meio-dia peninsular, e ainda objectos de importação helénica, líbio-fenícia, e, dum modo mais geral, mediterrânea. Aparecem vasos gregos do século IV, de que já antes haviam surgido espécimes, e o escaravelho-amuleto de origem egípcia data, segundo o egiptólogo do British Museum H. R. Hall, do tempo do faraó Psamético I (663-609).

Nos *Povos Primitivos da Lusitania* (págs. 267 e 268), ocupando-nos dos anteriores achados da necrópole pre-romana de Alcácer, tínhamos, de acôrdo com as sistematizações cronológicas de Bosch, atribuído a estação «à segunda idade do ferro, vendo nela uma representação da cultura post-halstática de Castela, com acentuadas influências ibéricas e gregas», cujo acesso a situação geográfica explica. A pág. 302 desse livro, atribuímos com probabilidade a mescla de culturas em Alcácer à onda septentrional celta, dum lado, e às penetrações meridionais de origem tartéssio-mediterrânea, doutro lado. Estas últimas viriam talvez em grande parte por via marítima. Algumas páginas atrás (pág. 296), contestando a opinião de Bosch sobre o movimento dos Iberos de E. para O. no século III, na Meseta superior, referimo-nos às influências ibero-púnicas em Salácia e a uma difusão cultural de origem andaluza, pelo sul do país ou por via marítima. Mas, no mesmo livro, acentuámos a existência de elementos comuns entre estações post-halstáticas e ibéricas, como se dá em Alcácer, e a dificuldade

de separar em absoluto as duas culturas e em dá-las, como pretende Bosch (cuja autoridade é aliás incontestável), como patrimónios exclusivos de Celtas e Iberos respectivamente (pág. 264).

O Prof. Vergílio Correia, de acôrdo com o Prof. F. Gentil, enviou-nos, para estudo, os restos ósseos encontrados ainda nalgumas sepulturas de Alcácer. Daremos em notícia especial os resultados dêsse estudo antropológico, que está quasi concluído e possui grande interêsse científico, visto que até hoje não se havia estudado nenhum documento osteológico da idade do ferro em Portugal.

Mesmo independentemente dêsse aspecto, as recentes explorações de Alcácer do Sal são da mais alta transcendência. O Prof. Vergílio Correia está realizando uma das mais notáveis tarefas de investigação arqueológica que teem sido levadas a efeito no território português. Aos louvores que merece tal iniciativa pela sua importância, acrescentam ainda os que resultam do facto dela ser posta em prática sem qualquer auxílio oficial — exclusivamente a expensas dos srs. Profs. Gentil e Vergílio Correia.

M. C.

### Subsídio para as publicações da Sociedade

O sr. Prof. Artur Ricardo Jorge, ilustre Ministro da Instrução, louvavelmente concedeu um auxílio de 2.400\$00, no Orçamento do Estado, para as despesas com as publicações da nossa Sociedade.

Honra lhe seja.

### Museu Antropológico do Pôrto

O Museu do Instituto de Antropologia da Universidade do Pôrto vem recebendo ofertas numerosas. Infelizmente a sua instalação é muito acanhada, o que resultou de aquêle Museu ter sido na Faculdade de Ciências do Pôrto o de mais recente data (1911). Foram-lhe assim destinados, bem como ao Laboratório respectivo, algumas dependências do ângulo SE. do 2.º andar do edificio da antiga Academia Politécnica, dependências que faziam parte da residência do guarda-mor respectivo, cargo que fôra então suprimido.

Tôdas as outras dependências do edificio — em geral incomparavelmente mais amplas — estavam já antes distribuídas a outros gabinetes de creação menos recente. Última chegada, a secção

antropológica ficou péssimamente acomodada em saletas que na planta do edificio tinham sido indicadas para parte duma habitação particular.

O facto é tanto mais lastimável quanto é certo que, não sendo possível instalar convenientemente as colecções, nem sendo favoráveis as condições de trabalho na investigação e no ensino, a actividade realizada naquele Instituto é permanente e intensa, o que é devido apenas à boa vontade de quem a exerce desacompanhado de auxílios e estímulos que outros Institutos recebem com rasgada amplitude.

Note-se ainda que durante muitos anos económicos esta secção não teve a menor dotação no Orçamento do Estado e recebeu verbas insignificantes das receitas próprias da Faculdade. Absorvidas quasi totalmente por um servente assalariado, que constituía todo o pessoal menor e auxiliar, não sobravam dessas verbas mais do que umas escassas dezenas de escudos que para nada chegavam.

Últimamente foi inscrita uma verba especial no Orçamento, e na distribuição das receitas da Faculdade foi esta secção beneficiada com mais largueza, mas as suas dotações são ainda insuficientes para as despesas que seria necessário efectuar, tanto mais que tudo encareceu muito, em especial o material científico.

Quanto ao quadro de pessoal, não dispõe o Instituto senão de: o professor-director, um segundo assistente efectivo (com funções pedagógicas), um segundo assistente supranumerário (não remunerado) e um servente. Nem um naturalista, como há na secção congénere de Lisboa e em todos os outros Museus de História natural da Faculdade! Nem um colector, como há no Instituto de Antropologia de Coimbra! Não há conservador, não há desenhista, não há fotógrafo... Teem sido vão todos os esforços para uma ligeira ampliação do quadro, que seria de toda a justiça.

Compreende-se facilmente que o restrito pessoal existente tem de acumular funções numerosas e variadas ou de apelar para as contribuições de assalariados ou colaboradores voluntários.

Entre as contribuições estranhas que o Instituto tem recebido, figuram as ofertas ao seu Museu. Depois das últimas que foram publicadas na imprensa periódica, receberam-se as seguintes:

Do sr. dr. Carlos de Passos, vários objectos gentílicos da África ocidental portuguesa.

Da sr.ª D. Florência de Moraes, fotografias, capitel e fragmentos cerâmicos do crasto de Crindeu (Vila Real).

Do sr. Ramiro Mourão, uma peça cerâmica de proveniência desconhecida e vários esqueletos do Convento da Serra do Pilar.

Do sr. Emígdio Cruz, por intermédio do sr. dr. Betencourt Ferreira, uma inscrição tumular da necrópole luso-romana do Fontão (Gaia).

Do sr. dr. Betencourt Ferreira, fotografias e desenhos de índios do Brasil, berberes, negros, etc., e alguns livros e revistas.

Da emprêsa dos Mármore e Alabastros de Vimioso, ossos e fragmentos cerâmicos das grutas de Santo Adrião.

Do assistente sr. dr. Joaquim R. dos Santos Júnior, fragmentos cerâmicos dos castros de Vilariça (Moncorvo) e Aldeia Nova (Miranda do Douro).

Do engenheiro sr. Humberto Mendes Corrêa, objectos cerâmicos do balneário romano de S. Vicente (Entre-os-Rios).

Do sr. António do Carmo Dantas, por intermédio do sr. Rui de Serpa Pinto, fragmentos cerâmicos do castro de Vilar de Mouros (Caminha).

Do sr. Manoel Cuvelo Ermida, por intermédio do sr. Rui de Serpa Pinto, machados polidos, pêsos de tear e fragmentos cerâmicos de Curtinhas e Monte do Piolho (Riba Tua).

Do sr. António Pereira Cardoso, objectos gentílicos da Guiné (colar, amuleto, espátula, manipanço, sáia de fibras vegetais e cesto de Bijagós, Mandingas, etc.).

Do sr. António Bravo, um mapa arqueológico da Galiza.

Do sr. Sebastião da Costa, esqueletos de sepulturas, provavelmente luso-romanas, do Algarve.

Do sr. Hipólito Cabaço, objectos de sílex do castro de Ota e fragmento de mosaico luso-romano da Quinta da Bairradinha (Alemquer).

Do sr. Francisco Raposo Souza d'Alte, objectos e esqueletos das grutas da região de Alemquer e do *oppidum* da Curvaceira.

Do sr. Rui de Serpa Pinto, *pondera* de Guidões, fragmentos cerâmicos luso-romanos de Alvarelhos e Averomar, e machado polido de Canidelo.

Do sr. dr. Vasco Nogueira de Oliveira, uma importante colecção de rocas e fusos do norte de Portugal, colecções de candeias e cerâmica popular e vários objectos de cerâmica luso-romana.

Do sr. P.<sup>o</sup> José Monteiro de Aguiar, abade de S. Miguel de Paredes, moedas e vários objectos de cerâmica, pedra e ferro do castro luso-romano de Santo Estêvão de Oldrões (Penafiel).

Do rev. abade de Galegos, moedas, objectos de cerâmica e uma peça de ferro do castro de Galegos, próximo ao anterior e um baixo-relêvo talvez de arte românica.

Do sr. Joaquim Ferreira Barbosa, de Chã de Vandoma, alguns objectos do castro de Vandoma (Paredes).

Do sr. José Relvas, dois vasos de sepulturas pre-romanas do Tanchoal, duas ânforas e um *dolium* luso-romano do Castelo de Alpiarça.

Outras aquisições foram feitas directamente por compra e por colheita do director do Museu.

### Curso de Antropologia Criminal

Na Faculdade de Ciências do Pôrto funcionou no 2.<sup>o</sup> semestre de 1925-26 um curso livre de Antropologia criminal, que foi regido pelo 1.<sup>o</sup> assistente de Zoologia e encarregado do curso de Zoologia de Vertebrados, sr. dr. Betencourt Ferreira. O curso foi frequentado por médicos, magistrados, professores, advogados, estudantes, etc., tendo-se realizado visitas a vários estabelecimentos prisionais, e tendo sido utilizado, para demonstração, material do Instituto de Antropologia da mesma Faculdade.

### A Antropologia física no Congresso de Coimbra

No Congresso de Ciências Luso-Espanhol, realizado em Coimbra em Junho de 1926, foram apresentados os seguintes trabalhos de Antropologia Física:

Notas antropológicas sobre índices de varias provincias de España, obtenidas con medidas tomadas del vivo, pelo Prof. Francisco de las Barras d'Aragón;

Os antigos habitantes das Canárias nas suas relações com a Antropologia portuguesa, conferência pelo Prof. Eusébio Tamagnini;

As diferenças sexuais nos esqueletos portugueses, pelo Prof. A. A. Mendes Corrêa;

Sobre um quadro-padrão para a diagnose sexual nos humeros portugueses, por Antonio Armando Themido;

Nota sobre a curvatura do frontal, por Alfredo Athayde;

Nota sobre um humero pre-histórico, idem.

Estes trabalhos figuram nas publicações do Congresso, nos volumes de Conferências e de Ciências Naturais.